

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/356592933>

“Quem fala assim não é gago nem gaga”. A crónica humorística na aula de língua portuguesa. Perspectivas didáticas.

Chapter · September 2020

CITATIONS

0

READS

12

2 authors, including:



Líliliana Soares

Beijing Normal University

7 PUBLICATIONS 4 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



português para fins específicos [View project](#)



Conhecimentos de fonética e fonologia para professores de Português como Língua Estrangeira: sistematização e validação [View project](#)

MACAU E A LÍNGUA PORTUGUESA: NOVAS PONTES A ORIENTE

Joaquim Coelho Ramos
Zhang Yunfeng
Maria João Rego
Paula Costa
Sara Gil
Tânia Ribeiro Marques
(editores)

Título

Macau e a Língua Portuguesa: Novas Pontes a Oriente

Editores

Joaquim Coelho Ramos

Zhang Yunfeng

Maria João Rego

Paula Costa

Sara Gil

Tânia Ribeiro Marques

Edição

Instituto Politécnico de Macau

Instituto Português do Oriente

Conceção gráfica

IPOR - Instituto Português do Oriente

Tipografia

Welfare Printing Ltd.

Ano de edição

Setembro de 2020 (1ª edição)

Tiragem

500 exemplares

ISBN: 978-99965-2-224-6

Esta publicação teve o apoio da Fundação Macau



5. “*Quem fala assim não é gago nem gaga*”. A crónica humorística na aula de língua portuguesa. Perspectivas didáticas.

Isabel Roboredo Seara*

Liliana Soares**

Resumo

Partindo da definição do género ‘crónica’ e das suas especificidades linguístico-textuais, pretende-se mostrar como este género breve, quotidiano, descomprometido se pode revelar de extrema importância na aprendizagem do português língua estrangeira (PLE).

Neste estudo exploratório proceder-se-á à análise retórico-discursiva de uma crónica do humorista português Ricardo Araújo Pereira, baseada em conceitos de teoria literária, retórica e análise do discurso, nomeadamente para realçar a escolha de argumentos ao serviço da crítica.

Privilegiar-se-á na abordagem desta crónica humorística a análise das estratégias ao serviço da ironia e do humor. Assumindo que a ironia é uma estratégia linguístico-discursiva complexa e que a interpretação de um enunciado irónico ativa forçosamente conhecimentos contextuais para a sua descodificação, pretende-se compreender a construção do efeito cómico que decorre da leitura do texto. Visa-se, assim, a provocação da consciência, com uma intenção crítica, por vezes usada como instrumento de sarcasmo, até se manifestar linguisticamente através do questionamento e do dialogismo, apelando à interpretação pelo leitor. Numa perspetiva pragmática, a ironia, subjacente à crónica, em análise viola a máxima da qualidade de GRICE (1975), dado que se realiza através de enunciados com sentido distinto do transmitido, em ausência de verdade ou sinceridade. O humor que subjaz à crónica é analisado como estratégia lúdica que recorre conscientemente à ridicularização do emprego repetido da designação de género.

A crónica humorística perpetua o objetivo crítico e serve-se da ironia e do humor, articulando a ridicularização dos falantes que persistem neste exercício da linguagem.

* Universidade Aberta e Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa - Portugal.

** Universidade Aberta - Portugal e Universidade Normal de Pequim - China

Num segundo momento deste estudo, pretende-se, partindo das análises linguístico-discursivas efetuadas, evidenciar a potencialidade didática desta crónica numa aula de PLE, na medida em que esta narrativa curta, que aborda questões controversas da atualidade da sociedade portuguesa e que provoca o riso, cativa facilmente para a leitura e, a partir desta, poder-se-ão abordar vários conteúdos nomeadamente gramaticais, retórico-estilísticos, ou ainda socioculturais.

Palavras-chave: crónica; ironia; humor; análise do discurso; proposta didática.

1. Introdução

Na sociedade imediatista em que vivemos hoje, a crónica prende o leitor pela sua natureza breve, mas também porque geralmente aborda temas do quotidiano. Além disso, estas características quando aliadas ao humor, à sátira e ironia, encontradas nas crónicas humorísticas, tornam-se bastante irresistíveis para o leitor.

Outra característica de referência é a forma como a crónica humorística provoca o leitor, instigando-o a refletir sobre a realidade documentada no texto.

Na contemporaneidade, a crónica situa-se em torno de duas instâncias, a jornalística e a literária, razão por que é considerada como um género híbrido, situando-se na encruzilhada dos tipos discursivos a sua flexibilidade, a sua ecleticidade, ou a sua intenção comunicativa que ditam a inclusão em cada uma das instâncias referidas.

Corroborando esta ideia, REIS & LOPES (2002: 87) anotam que “o termo crónica designa um tipo de narrativa de definição algo problemático”, o que, na nossa opinião, o torna num género cujo estudo merece um certo cuidado, uma vez que as suas características discursivas, textuais e sócio retóricas não são estanques, como acontece, por exemplo, com outros géneros, sendo, por isso, considerado um género género textual maleável, dinâmico e plástico, fruto da sua dinâmica sócio discursiva e histórica.

JURACH (2011: 2220) corrobora a mesma opinião, avançando que “a crónica envolve em duas esferas distintas, mas que conseguem conviver produtivamente na configuração do género e na produção dos efeitos de sentido. Da esfera jornalística recebe o tema da vida quotidiana, da factualidade o suporte e a credibilidade. Da esfera literária, absorve a criatividade, a permissão do verosímil (e não a exigência da ‘verdade’) e um grau relativo de expressão e de estruturação.” Por seu turno, MOISÉS (1978: 247) afirma que “a crónica oscila entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.”

Eça de Queirós, por exemplo, numa inolvidável crónica, fazendo uso da metalinguagem do próprio género (metalinguagem essa explorada, também, por outros cronistas, como Clarice Linspector, Drumond, Saramago, entre outros) num tom, essencialmente, coloquial, é bastante elucidativo ao conceptualizá-la e caracterizá-la desta forma:

“A crónica é como que a conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema; sem nexos, espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das ondas, dos enfeites; fala em tudo, baixinho como se faz ao serão, ao brasileiro, ou ainda de Verão, no campo quando o ar ainda está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crónica tem uma doçura jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está aqui, nas suas colunas, cantando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando. A crónica é como estes rapazes que não têm morada sua e que vivem no quarto de seus amigos, que entram com um cheiro de primavera, alegre, folgazões, dançando que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha de barba, que nos maçam, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudade.” (Eça de Queirós, *in* Distrito de Évora, nº 1, 6 de Janeiro de 1867)

2. Algumas especificidades linguístico-textuais da crónica

2.1 Subjetividade

Uma das características mais relevantes da crónica é, claramente, a subjetividade. Neste género discursivo, o foco narrativo centraliza-se, geralmente, na primeira pessoa, pois a visão pessoal do cronista, através da sua intenção comunicativa, sobressai, concorrendo, também, o tipo de discurso assumido que, em muitas circunstâncias, toca o pendor conotativo da linguagem, principalmente, quando se trata da crónica literária. Ainda que o cronista principie com um facto do quotidiano, o objetivo é valorizá-lo à medida que o vai narrando.

A visão do cronista sobre o assunto reflete, de certa forma, a mundividência do próprio cronista, por isso, o foco narrativo baseia-se no *eu* que está quase sempre presente, resguardando, deste modo, a pessoalidade discursiva.

2.2 Brevidade

Outra marca idiossincrática da crónica é justamente a brevidade. A crónica é, usualmente, um texto curto, pois destina-se, na maior parte das vezes, a ser

publicada na imprensa periódica, que impõe limitações de espaço. É, concomitantemente, um texto datado e, quase sempre, assinado, por vezes com as iniciais do seu redator. Os textos cronísticos são amplamente trabalhados e divulgados na contemporaneidade pois, graças às novas tecnologias de comunicação, surgem amiúde em sites diversos, em blogues e na imprensa online, permitindo-nos, desta forma, efetuarmos rápidas e fragmentárias leituras.

2.3 Objetividade

A objetividade é-lhe, também, intrínseca pois o facto e/ou acontecimento, em muitos casos, mesmo que imaginário, é quase sempre o ponto de partida das reflexões do cronista. Quando a crónica assume essa dimensão perde a faceta ensaística, pondo em relevo a ordem sobre a qual desenrola os acontecimentos, sendo os eixos do tempo e espaço relevantes. A terceira pessoa discursiva é realçada em detrimento da primeira, sobressaindo, por isso, a referencialidade. Várias são as modalidades de crónicas que privilegiam esta característica. Referimo-nos, concretamente, às desportivas, às políticas, às económicas, entre outras.

Quando isto acontece, não significa, todavia, dizer que o cronista seja refém do discurso objetivo uma vez que, na perspetiva de LETRIA (1999: 51), com a crónica, não se pode falar em estilo objetivo devido à liberdade assumida pelo cronista nas suas análises, ainda que se encontre sujeito a um imperativo de uma notícia, facto ou relato. O cronista deve sentir-se, portanto, livre de estilo e preceitos formais, comunicando a forma como sente os factos e tirando partido das suas idiosincrasias estilísticas, sendo, deste modo, a sua dimensão pragmática, o mais importante. O cronista possui, portanto, a aptidão de transformar os dados objetivos em estéticos, fruto da sua capacidade criativa, de ficcionar os factos ou acontecimentos observados.

2.4 Estilo entre o oral e o literário

Na contemporaneidade, os cronistas, ao produzirem as suas mais diversas narrativas, escrevem-nas como se estivessem a conversar com os seus leitores, procurando uma certa intimidade. Assim, escrevendo, como se estivessem a contar-lhes os casos vivenciados, os cronistas envolvem-nos nas suas mais variadas reflexões sobre a vida social, política ou outra, utilizando diversos tons (sério, humorístico, laudatório, crítico, entre outros) aos quais podemos tão-somente acrescentar o poético, o que permite inscrever a 'crónica' no domínio do género literário, no qual frequentemente é catalogada. Deste modo, uma característica que sobressai a este nível é a presença de uma linguagem que amalgama traços da escrita com a oralidade, facultando momentos de fruição a muitos leitores.

2.5 Quotidianidade

A crónica possui características do discurso jornalístico, por narrar factos quotidianos. Geralmente, o cronista parte de um tema do quotidiano, não se limitando, porém, a conceder-nos informações objetivas sobre o mesmo. À medida que narra os factos, a veracidade positiva dá lugar à emotiva. Neste sentido, os factos do quotidiano são, constantemente, recriados por via da liberdade e do poder imaginativo do cronista, configurando-se, desta feita, a crónica como um género que faz do quotidiano o ponto de partida das suas reflexões, todavia nunca o de chegada. O facto do quotidiano que, geralmente, para o jornalista é uma finalidade, para o cronista é um motivo para as suas deambulações.

2.6 Dialogismo

O cronista, por privilegiar, em muitos casos, um tom intimista com o leitor, opta por recorrer à estratégia dialógica, num clima de cumplicidade, tratando o leitor por tu: “e tu, leitor”. Outros, por seu turno, convocam indiretamente o leitor, buscando a sua cumplicidade para o facto narrado. Talvez por esta razão o público leitor se sinta envolvido e se identifique com estas narrações cronísticas. Assim, de acordo com a temática abordada, a forma como é feita, o estilo do autor, a área de interesse, o leitor/ouvinte pode identificar-se com a ótica do cronista e encetar um diálogo profícuo, entendendo diálogo, no sentido teorizado por BAKHTIN (1979). Tal efeito resulta das peculiaridades que o género em si potencia, através da voz do texto, das quais podemos, meramente, aludir ao uso concomitante da linguagem informal com a formal, ao tom coloquial com o culto, à linguagem real com a ilusória, aliada à pertinência temática e à liberdade criadora do cronista, o que pode colocar a nu a sensibilidade do eu e atingir o leitor, encetando, por isso, o dito diálogo.

A crónica, além disso, é magnânima em abordar assuntos do quotidiano dos mais diversos domínios da atividade humana (cultura, política, desporto, literatura, música, jornalismo, educação...), sendo fácil de encontrar interlocutores e despoletar essa empatia. Através de comentários, opiniões, reflexões, insinuações, ironias, do tom hilariante e/ou sarcástico sobre um determinado tema, muitas crónicas deixam explícito o interlocutor e incitam-no, a partir da própria linguagem (culto ou não, real ou fictícia, formal ou informal) a tomar parte da matéria e formar a sua própria opinião, ou melhor, o seu próprio juízo de valor, sendo, por isso, as sequências dialógica, argumentativa e expositiva estratégias utilizadas, por muitos cronistas, para cativar e prender o leitor, ainda que o cronista seja livre de recorrer a qualquer tipo de texto (sequência textual) para a produção de sentido.

Sobre o carácter dialógico da crónica, COELHO (2009: 68) sublinha que, no caso da crónica, “estamos perante um género em que predominam um discurso misto – teórico e interativo e o relato, pois as marcas que emergem no texto revelam a necessidade de expor o tema e, ainda, ‘conversar’ com o leitor e interlocutor (...).

Trata-se de um diálogo que se estabelece, pois a presença do suposto leitor ou destinatário fica, em geral, evidente no texto (...). Deste diálogo emergem diferentes vozes que manifestam distintas opiniões e representações, sendo de realçar um trabalho de linguagem que desvenda uma atitude reflexiva e questionadora. REIS & LOPES (*idem*: 88-89), em *Dicionário de Narratologia*, ao discorrerem sobre as estratégias discursivas adotadas nas crónicas, deixam transparecer o carácter dialógico como uma das características marcantes desse género. Afirmam, deste modo, que

a crónica é condicionada por uma certa estratégia comunicativa e pelo contexto em que se insere, para além disso, acrescentam que a crónica nasceu influenciada por outras estratégias discursivas, como as que regem o folhetim e a epistolografia. (...) Da segunda conservou, não raro, o tom dialogante e interpretativo (o sublinhado é nosso) da carta escrita a um destinatário que se queira relativamente familiar: significativo, a este propósito, é justamente o tom epistolográfico de muitas crónicas de Eça de Queirós, como é o caso das publicadas na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro justamente sob os títulos Cartas Familiares de Paris e Bilhetes de Paris. (REIS & LOPES; *ibidem*: 88-89).

A crónica, como género, com as suas características peculiares, fruto de uma certa liberdade criadora, suscita no leitor/ouvinte determinadas expectativas, e convida-o, de acordo com a área de interesse, como se de um interlocutor se tratasse, para uma cumplicidade que parece jamais se esgotar. A este propósito, apraz-nos indagar quantos são os amantes do desporto que colam os ouvidos na rádio apenas pelo simples prazer de se deliciarem com as crónicas desportivas de Ribeiro Cristóvão¹, por exemplo? Outros são aqueles que espreitam, nas livrarias ou no ciberespaço, crónicas de cariz literário para se comprazerem com a sua leitura.

Na atualidade portuguesa, Ricardo Araújo Pereira é o exemplo flagrante de um cronista que tem revolucionado essa área, quer nas crónicas escritas da revista *Visão*, quer nas radiofónicas diárias do programa *Mixórdia de Temáticas*, quer nos programas televisivos *Gente que não sabe estar* e, na atualidade (2020) no programa televisivo, *Isto é gozar com quem trabalha*.

O dialogismo, ainda que não seja explícito, pode evidenciar-se, textualmente, nas crónicas, pela perceção de vestígios deixados pelo sujeito enunciativo em relação ao interlocutor. Em muitas crónicas, o cronista, através da sua própria linguagem, deixa indícios linguísticos que nos permitem, como leitores, identificar o interlocutor. De entre eles, podemos anotar, por exemplo, perguntas di-

1 António Ribeiro Cristóvão nasceu a 7 de julho de 1939 e é um jornalista português. No final dos anos 70, Ribeiro Cristóvão e Artur Agostinho criaram o departamento desportivo da Rádio Renascença. Foi apresentador da rubrica radiofónica diária “Bola Branca” por mais de 20 anos, tendo o futebol como tema central. Ribeiro Cristóvão colaborou com a RTP - Radiotelevisão Portuguesa, apresentando o programa o “Domingo Desportivo”.

retas e retóricas, as ideias defendidas em forma de tese, na resposta a objeções, discurso da segunda pessoa, com a presença do vocativo, pronomes pessoais, possessivos, verbos no modo imperativo, presença do interlocutor explícito, como no género epistolográfico, entre outros mecanismos linguísticos. Assim, esse género vai além do mundo do cronista, pois deixa em aberto a participação dos leitores na (re) construção ou (re) recriação da mensagem, atribuindo-lhe novas significações.

2.7 Versatilidade

Outra característica inerente ao género é, indubitavelmente, a sua versatilidade. A versatilidade, o eletismo, que nos permite sublinhar que este é um género flexível, deixando, muitas vezes, transparecer o estilo e a imagem do cronista, por conseguinte, o *ethos* do sujeito enunciador.

Para essa versatilidade contribui o posicionamento do cronista face à forma de narrar ou relatar o acontecimento (real ou imaginário). O cronista, nas suas reflexões, posiciona-se, ora como narrador literário ora como jornalista. No primeiro caso, toma os elementos objetivos e transforma-os em estéticos, fruto da sua capacidade inventiva e recreativa, ou seja, reinventa uma nova linguagem a partir do signo linguístico, concorrendo para tal a subjetividade e a conotatividade discursivas. No segundo, para a sua intenção comunicativa socorre-se da dimensão objetiva e denotativa da linguagem.

Em suma, eis algumas das características da crónica:

- a brevidade textual;
- a dualidade discursiva, tanto jornalística como literária, presente no relato e na reflexão sobre a realidade cronicada, respetivamente;
- a vastíssima diversidade temática, que se dispersa pelas esferas social, política, literária, artística, económica, linguística, ou outra que suscite a intervenção crítica do cronista;
- a contemporaneidade e a relação com o quotidiano, já que aborda qualquer tema da atualidade;
- a efemeridade, que decorre da sua relação com a realidade vigente;
- a forma de abordagem da temática, concisa, clara e factual, ao mesmo tempo que crítica, subjetiva e interpretativa;
- o carácter opinativo, que evidencia a visão e posição do próprio cronista, registada na primeira pessoa;
- frequentemente, como é o caso das crónicas em análise, os sentidos humorístico e irónico, ou satírico ao serviço da denúncia e da crítica, através da utilização de estratégias léxico-morfossintáticas e mecanismos retórico-discursivos.

Apresentadas a especificidades linguístico-textuais da crónica, sublinhe-se a identificação com a reflexão sobre o género crónica explicitada por CABRAL (2010):

Os factos servem apenas de meio para suscitar a reflexão acerca de algo muito mais abrangente e profundo. Assim, o cronista oferece-nos uma visão pessoal dos acontecimentos, dando-lhes um toque próprio, num estilo particular, e incluindo, no seu texto, elementos que o elevam a um outro estatuto muito além do simples texto de carácter informativo. Desse modo, “frequentemente, conduz à reflexão e discussão acerca dos limites entre a realidade e a ficção, nascendo de um facto do quotidiano, selecionado pelo cronista, seja ele de carácter histórico, social, político, cultural ou pessoal”. (2010: 8).

3. O discurso humorístico e irónico

Como sublinha PINTO (2013), o humor é tido como “factor de crítica subjacente encoberta pelas intenções dos cronistas” (2013: 34), ainda que, na verdade, se pretenda que tal crítica seja, mais do que descoberta, interpretada pelo leitor, de forma a despertar a sua própria consciência crítica, reflexiva e, mesmo, interventiva.

Importa notar que no discurso humorístico e irónico, por um lado, pode ocorrer o exagero do princípio da cortesia linguística, intensificando as estratégias valorativas, de forma hipócrita, por vezes em antecipação de crítica mordaz, que tenta dissimular.

Note-se ainda que, no que respeita ao cumprimento das máximas e princípios conversacionais, a ironia, positiva ou negativa – aludindo à descrição de BRAZ (2017) – viola a máxima da qualidade, visto que se realiza muitas vezes através de enunciados com sentido diferente do transmitido, em ausência de verdade ou sinceridade. Transgride ainda o princípio da cortesia, seja de forma concreta, por ter intencionalidade crítica, seja de modo aparente, no caso do elogio, já que, mesmo que com intenção diferente, parte efetivamente de enunciação desvalorizante. Pode, por outro lado, configurar uma estratégia lúdica que recorre conscientemente ao absurdo, à violação das normas sociais vigentes, para provocar efeito cómico, causar o riso, sendo este tanto prazeroso como, muitas vezes, libertador de tensão (BRAZ, 2017: 363).

De acordo a referida autora, esta associação do humor à diversão e ao riso distancia-o da agressividade e apresenta-o como inofensivo, ao mesmo tempo que agrada o público e, bem assim, o persuade. (*idem*, 2017: 365).

Recorrentemente – e como se irá comprovar na crónica escolhida – o humor não é uma finalidade, mas antes um meio com intenção crítica, desencadeando este paradoxo em que se visa estrategicamente convocar o leitor para “rir conjuntamente do outro”, tal como reiteram FERNANDEZ & VIVERO GARCÍA (2006):

L'humour n'est plus tant une fin qu'un moyen, une stratégie au service d'une visée discursive essentiellement critique" (...)

L'humour critique est ainsi un jeu à trois où le lien de connivence entre énonciateur et destinataire se fonde sur des valeurs partagées et se fait au

détriment d'une cible constituée en tiers, voire en adversaire. Il s'agit de « rire ensemble contre. (2006: 88).

4. Análise da crónica “Quem fala assim não é gago nem gaga”

Proceder-se-á seguidamente à análise da crónica “*Quem fala assim não é gago nem gaga*”, da autoria do humorista português, Ricardo Araújo Pereira, publicada na revista *Visão* em 15 de fevereiro de 2018 (tal como consta em Anexo, no final do presente estudo).

Partindo dos pressupostos teóricos anteriormente enunciados, ensaiaremos mostrar as estratégias linguístico-discursivas que concorrem quer para a brevidade do texto, dada pela precisão e concisão na escolha dos argumentos, ao serviço do humor e da crítica social.

A versatilidade e a contaminação de géneros textuais: a crónica inicia-se com uma forma de abertura típica do género epistolar, como se fosse o início de uma carta, instaurando, desde logo, um clima de cumplicidade com os putativos leitores e, logo neste *incipit* o locutor se compromete com a distinção de género que é o tema da crónica.

O cronista usa recorrentemente a questão do género feminino e masculino para caricaturar o uso daqueles que teimam em usar as duas formas morfológicas de género gramatical para se mostrarem paladinos da igualdade de género, querendo insistir na questão do inclusivo. Essa ocorrência verifica-se desde logo no título da crónica com a expressão proverbial/idiomática “Quem fala assim não é gago” que significa que a pessoa conhece aprofundadamente o assunto de que fala, configurando, por isso, desde logo, um elogio. Ora, o autor ao introduzir os dois géneros, no masculino e no feminino, antecipa também o tema da crónica e neste jogo de palavras do título está já presente a ironia que domina a sua crónica. A insistência em questionar o ridículo do uso separado do género feminino e masculino é ilustrado através de reflexões metalinguísticas e por manipulação de frases em que se mostra a agramaticalidade de algumas formações.

Atente-se logo no primeiro parágrafo da crónica “Um facto que talvez explique os notáveis progressos em matéria de igualdade de género que nesses países registam”. Ora, todos sabemos que os países referenciados, Irão, Tajiquistão e Afeganistão, são países com gritantes desigualdades de género, em que a mulher é ostracizada e não respeitada como igual. Trata-se, pois, de uma ironia, e para a compreensão da ironia deve convocar-se uma perspetiva pragmática, dado que implica a inferência de um não-dito e requer da parte do interlocutor, neste caso, o leitor, a produção do significado da enunciação. Ao afirmar “O ideal era termos um idioma em que as palavras não tivessem género” evidencia a mesma crítica, sob a forma de uma ironia, pois o que deseja afirmar é justamente o seu contrário. E ao dar o exemplo de países em que efetivamente não existe a igualdade de género, quando nos estamos a referir à igualdade entre homem e mulher, prossegue nesse jogo de linguagem entre sexo e género gramatical,

baralhando e confundindo, a fim de instaurar o tom humorístico que preside a toda a crónica.

O argumento principal da crónica está ilustrado no enunciado: as pessoas que não subscrevem nem usam a linguagem inclusiva, explicitando sempre ambos os géneros em quaisquer que sejam as palavras, são inimigas, verdadeiramente inimigas da igualdade de género.

O autor, ao colocar-se na posição da pessoa ridícula que deseja criticar, usa, no fundo, uma estratégia ao serviço da construção da ironia. Aos outros chama de “reacionários”, adjetivo com uma forte carga depreciativa que remete para posições conservadoras, retrógradas, e de certa forma obsoletas, que se revelam e manifestam contra a evolução da língua e, conseqüentemente, contra a evolução do pensamento social.

A partir deste pressuposto, o cronista ridiculariza, usando um argumento retoricamente muito importante, o argumento *ad nauseam*, que consiste na declinação insistente de género em todas as formas nominais e adjetivais usadas ao longo da crónica, insistindo, por isso, na importância de se dizer e escrever em ambas as formas para ser dignificada a igualdade de género, um tema tão em voga, na medida em que muitos subscrevem que esteja igualmente plasmada na língua, destrinchando pelos morfemas de género e explicitando-os recorrentemente. O cronista, ao escrever desta forma, explicitando o masculino e o feminino, cria uma situação verbal ridícula e caricata que, inclusivamente pela sua repetição, provoca o cómico de situação.

Toda a construção dos argumentos é em defesa dos que usam o feminino e o masculino concomitantemente na expressão verbal quotidiana, quando, na realidade, é uma crítica veemente a esse uso. Ao enunciar o contrário, ao exemplificar recorrentemente consegue ilustrar o caricato daqueles que pugnam por esta forma de enunciação.

O cronista ilustra com exemplos da língua, ensaiando algumas manipulações fráscas, de resto, muito comuns em exercícios de semântica, pois ao querer mostrar que em determinados enunciados o plural é obrigatoriamente masculino (“*O João e a Maria vão juntos ao cinema*”), mostra que a agramaticalidade do uso do masculino e do feminino separadamente conduz a uma asserção cómica, na medida em que não fazendo sentido, então se nega a afirmação.

Estes jogos de linguagem que o autor continuamente convoca no seu texto não se reduzem às estruturas da língua portuguesa, pois, num exercício comparativo, exemplifica com outras línguas, nomeadamente a língua inglesa, demonstrando que a tradução para português da expressão neutra “*everyone*” não é exequível na língua portuguesa, pois não permite separar o dito género gramatical, dado que no caso da tradução para português acarreta a marca de masculino, o que a torna inviável.

A convocação do exemplo inglês reforça também a ironia que pretende acentuar que as questões de designação ‘homem e mulher’ não são abrangentes, por não incluírem os géneros sexuais que hoje se reclamam de diferentes, pelo que importa usar expressões neutras (como “*everyone*”). O título do livro da autora

brasileira exemplifica a superior ironia, pois a criação do pronome ‘todes’ mostra o ridículo da designação.

A ironia, na presente crónica, assume uma função maioritariamente depreciativa, ainda que se permita moderar o grau de implicação e de intensidade crítica.

A estratégia recorrente na crónica é baseada no exagero, pois a repetição e a gradação não visam contradizer o explícito, mas caricaturar o alvo de crítica, visando alcançar um efeito cómico, de riso. De difícil distinção da hipérbole, o “exagero ilegítimo” indica a presença da ironia e fica exposto através do contexto (PERRIN, 1996: 190-192).

A repetição, na medida em que acentua a força ilocutória de um enunciado e enfatiza o próprio discurso, pela insistência no mesmo segmento linguístico (jogo do feminino e do masculino), nomeadamente no caso da repetição anafórica, impõe-se como estratégia persuasiva, evidenciando-se os sentidos crítico e satirizante das sequências textuais.

O dialogismo também está presente nesta crónica, neste convocar contínuo de outras vozes: a dos linguistas, os exemplos da língua inglesa, e, no final, com um enorme sentido de oportunidade, o título do livro da socióloga brasileira que efetivamente contempla as três formas, como se pudesse existir uma feminina, outra masculina e uma terceira neutra em língua portuguesa.

O parágrafo conclusivo da crónica exhibe a superior mestria do humorista, pois retomando a forma ‘todes’, usada no título do livro, remete para a pronúncia dialetal algarvia², em que as vogais se pronunciam com esse apagamento, a fim de mostrar a superioridade de quem não sabendo, afinal já usava esta estratégia de formação de género que é exaltada, com o intuito tão simples de ser caricaturizada, exibindo assim, para terminar com chave d’ouro, um cómico de situação, á boa maneira de Gil Vicente.

A ironia está assim ao serviço de denúncia de um uso caricato das duas formas separadas de masculino e feminino (inclusivamente já presentes em discursos oficiais), revestindo-se de uma intencionalidade de crítica e de censura face a este uso recorrente e progressivo na sociedade portuguesa. Ainda, subjacente ao enunciado irónico da crónica, está o *ethos* do locutor, neste caso do humorista, que evidencia a sua atitude de desaprovação face aos factos, neste contexto, a um uso linguístico da designação de género que comprova ser ridículo. Comprova-se, desta forma, a reflexão teórica de SPERBER & WILSON (1986) que evidenciam esta atitude que subjaz aos enunciados irónicos:

La ironía verbal implica la expresión implícita de una actitud, y la relevancia de un enunciado irónico depende invariablemente, por lo menos en

2 Segundo Cunha e Cintra, o falar algarvio, uma “peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialecto” (Cunha & Cintra, 1984, p. 4), tem como uma das suas marcas características a queda da vogal átona final quando grafada em o ou a sua redução, passando para [ð]: *todôs por todos*. (Cunha & Cintra, 1984, p.17), sendo que no caso presente, se ilustra através da apócope da vogal final que é considerada um moçarabismo.

parte, de la información que este transmite sobre la actitud del hablante respecto de la opinión de la que se hace eco. [...] La actitud expresada por un enunciado irónico es, invariablemente, una actitud de rechazo o de desaprobación. El hablante se desliga de la opinión de la que se hace eco e indica que no la respalda. (SPERBER & WILSON, 1986: 292).

5. Proposta de abordagem didática

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência³, espera-se que, no plano sociolinguístico, um aprendiz de nível C1 seja capaz de compreender humor, a ironia e referências culturais implícitas e detetar *nuances* de significados (QECL, 2001: 138).

Já no plano intercultural, a mesma fonte refere que é expectável que o aprendiz seja capaz de explicar a sua interpretação das suposições culturais, preconceitos, estereótipos, da sua ou de outra comunidade que lhe seja familiar e ainda, ser capaz de lidar com a ambiguidade na comunicação entre culturas (QECL, 2001: 159).

Assim, as competências interculturais referem-se à capacidade que o aprendiz tem de estabelecer uma relação entre cultura de origem e a cultura da língua estrangeira alvo. Espera-se que desenvolva a capacidade de construção de saber em diferentes culturas e línguas, sendo uma competência essencial na sociedade multicultural em que vivemos. De acordo com o *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR, 2018) é expectável que o aprendiz consiga identificar diferenças sociolinguísticas/pragmáticas, refletindo criticamente sobre elas e ajustando a sua comunicação de acordo com as mesmas⁴. Será, ainda, expectável que possa lidar com ambiguidades que ocorram durante o diálogo entre culturas e consiga expressar a sua resposta de modo construtivo e culturalmente apropriado, por forma a trazer clareza ao diálogo. (CEFR, 2018: 159)

As estratégias de receção implicam a identificação do contexto e o conhecimento do mundo que para tal é relevante, bem como a ativação do processo do que se pensa ser o esquema adequado. (QECL, 2001: 159)

Estas estratégias pretendem devolver a capacidade de compreensão intercultural entre a realidade do aprendiz e da língua-alvo. Nesse sentido, em contexto de sala de aula, deve-se desenvolver simultaneamente as competências pragmáticas e interculturais.

3 Doravante referido como QECL.

4 Tradução nossa: "Can identify differences in socio-linguistic/-pragmatic conventions, critically reflect on them, and adjust his/her communication accordingly. [...] Can deal with ambiguity in cross-cultural communication and express his/her reactions constructively and culturally appropriately in order to bring clarity."(CEFR, 2018: 159)

As competências pragmáticas dizem respeito ao uso funcional dos recursos linguísticos (produção de funções linguísticas, atos de fala) e criam um argumento ou um guião de trocas interacionais. Dizem também respeito ao domínio do discurso, da coesão e da coerência, à identificação de tipos e formas de texto, à ironia e à paródia.

Na delimitação de uma proposta didática é sempre importante ter em conta vários aspetos, sendo um dos principais o “grupo-alvo” para quem a mesma se destina.

Nesse sentido, há que considerar de antemão a mundividência e conhecimento prévio dos alunos a quem se destina o plano a traçar e eventuais esclarecimentos necessários, especialmente na abordagem a crónicas humorísticas que relatam acontecimentos contemporâneos e requerem, por vezes, conhecimentos contextuais e intertextuais, culturais ou sociais prévios.

As crónicas eleitas para uso em sala de aula poderão assim ser usadas para diferentes abordagens. Pela sua forma breve, promovendo um diálogo com o leitor, a crónica humorística afigura-se de elevado interesse nas suas aplicações didáticas. Apresentam-se, seguidamente, algumas sugestões para a exploração em contexto de sala de aula, no âmbito da lecionação de língua portuguesa, nível C1, seguindo o enquadramento sugerido pelo QECRL:

- Exploração das Máximas de GRICE (1975) : violação da máxima da quantidade (contribuição mais informativa que o requerido) e a máxima do modo (evitar a prolixidade, ou seja, exposição extensa e inútil de palavras/argumentos).
- Análise reflexiva sobre o género e as diferenças linguísticas entre a língua do aprendente e a língua portuguesa.
- Diálogo/Debate sobre a igualdade de género na sociedade do aprendente e na sociedade portuguesa:
 - Sensibilização e análise da temática;
 - Sugestões e medidas de combate à desigualdade (debate de ideias).

5.1 Aplicação didática da crónica

Esta aplicação didática, que ora se sugere, para aprendentes de nível C1 na China, foi delineada respeitando as indicações do QECR.

Trata-se, por isso, de um estudo exploratório a aplicar em contexto de ensino aprendizagem de Português Língua Estrangeira.

Pré-leitura

1 – A primeira instrução consiste em solicitar aos alunos para, previamente, pesquisarem e colectarem informação sobre o autor da crónica. Fazer uma pesquisa e anotar as informações bibliográficas (importante para posterior análise do texto), nomeadamente, alguns traços caracterizadores da sua escrita.

2 - Em contexto de sala de aula, recensear a informação que foi previamente levada a cabo pelos alunos, proceder a uma síntese, eliminando as naturais repetições e providenciando informações adicionais, caso seja necessário.

Atividade de Leitura

3 - Dado a brevidade da crónica em estudo, solicita-se aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto.

4 - Leitura em voz alta, e com entoação pelo professor, dando vida e expressividade ao texto.

5 - Aferição, junto dos alunos se, depois da leitura em voz alta, subsistiu alguma dúvida relativamente à compreensão do texto.

6 - Partilha das primeiras impressões sobre o conteúdo da crónica. Diálogo sobre o tema da crónica, visando indagar opiniões sobre a receptividade do texto, ensaiando apreender a total ou parcial compreensão do mesmo.

7 - Levantamento de vocabulário que não foi compreendido por parte dos alunos. Trata-se de uma crónica com um vocabulário relativamente acessível, mas que contém algumas palavras que possivelmente não pertencem ao léxico mais usual dos aprendentes, como “reaccionários”, “mera” ou “persa”, para citar alguns exemplos.

Compreensão da Leitura

8 - Análise mais detalhada do texto com o objetivo de conduzir à reflexão sobre vários aspetos (faz-se nova leitura em voz alta de cada parte antes de ser analisada). Solicitar aos alunos que efetuem essa leitura, imprimindo prosódia e entoação, tentando criar uma dinâmica de motivação em sala de aula. Para a prossecução deste objetivo e para a cabal leitura e compreensão da crónica escolhida, fornecer algumas pistas de leitura, entre as quais destacamos as seguintes:

- insistência no uso dos dois géneros e suas razões;
- análises comparativas das regras de formação do género gramatical em língua portuguesa e na língua materna dos aprendentes;
- enquadramento social e cultural dos países mencionados na crónica;
- ironia contida nas informações prestadas pelo texto e reflexão sobre as razões do autor;
- introdução das Máximas de GRICE (1975) e exploração de violação das mesmas na crónica;
- uso da primeira pessoa e a proximidade do autor com o leitor;
- marcas dialógicas na crónica;
- argumentos apresentados pelo cronista para levar o leitor a aceitar a sua tese;
- questões de intertextualidade

9 - Análise formal do texto - Levantamento de informações relacionadas com o texto (pode-se fornecer uma ficha aos alunos que se vai preenchendo na aula, em colaboração conjunta sobre o que os alunos extraem da forma, acrescentando as informações em falta no final):

- conetores argumentativos;
- repetições (foco na marcação clara entre género masculino / feminino);
- recursos discursivos: anáfora; repetição; ironia;
- marcadores discursivos;
- estratégias linguístico-discursivas para construção do humor no texto;

10 - Atualidade do tema da crónica

- Levar os alunos a refletir sobre as questões de igualdade na sociedade do aprendente;
- Refletir sobre o papel da mulher na sociedade atual: expectativa/realidade;
- Enquadrar a temática apresentada na cultura e na sociedade portuguesa contemporânea no momento da escrita da crónica.

Pós-leitura

13 - Produção escrita, pelos alunos, de uma análise reflexiva sobre o tema da crónica, onde devem ser incluídos os pontos debatidos em contexto de aula, especialmente no seu paralelismo ou diferença com a situação atual. O aluno deve também expressar a sua opinião acerca das posições tomadas pelo cronista e fundamentar, apresentando e justificando os argumentos. Pode ainda acrescentar exemplos da vida real que conheça: pessoas da sociedade ou do seu círculo social.

14 - Leitura de outras crónicas do mesmo autor para melhor compreender, quer o seu estilo de escrita, quer a sua linha de pensamento.

6. Considerações finais

Tal como sublinha Vicente (2010), as crónicas podem configurar uma oportunidade para iniciar o estudo do texto argumentativo, pois o texto cronístico permite conhecer na sua estrutura, a apresentação de uma tese ou de uma ideia de forma lógica e organizada, com o objetivo de persuadir e influenciar o destinatário.

Este exercício é tanto mais complexo quando estamos face a uma crónica humorística, cuja finalidade é despoletar o riso no leitor, fazendo uso recorrentemente da ironia. A ironia é inequivocamente a estratégia argumentativa por excelência, pois desempenha dois papéis complementares: por um lado, está ao serviço da construção do argumentos e, inversamente, pela desconstrução do discurso que visa atacar, no caso da crónica em análise, descredibilizando a posição sobre a designação abusiva de género, mostrando a fragilidade dos argumentos. Tendo subjacente uma crítica que está dissimulada através de enunciados cortesões, a ironia suaviza a agressividade que lhe subjaz.

A ironia faz então parte da estratégia argumentativa, servindo concomitantemente de argumento a favor de determinada conclusão e de desconstrução do discurso, desvalorizando e descredibilizando as ideias defendidas por outrem.

A crónica humorística, na simplicidade da sua linguagem, próxima do coloquial, a ironia constante, que provoca o humor e o riso, seduz e cativa o leitor, e, naturalmente, o aprendente da língua, na medida em que permite refletir sobre uma realidade (neste caso, a declinação dos dois géneros a bem da dita igualdade que se afigura ridícula), realidade que está sendo por ele questionada.

A proposta de aplicação didática do texto cronístico escolhido de um cronista português da atualidade permite evidenciar a riqueza que um texto breve e humorístico pode desencadear em contexto de sala de aula, ajudando a promover o gosto pela leitura e pela escrita. Na senda do que afirma FONSECA (1994): “escrever é um prazer que se conquista com esforço, de ser condição de uma liberdade a que só se chega mediante a disciplina de uma aprendizagem e treino aturados” (1994: 148), o trabalho desenvolvido em torno deste texto lúdico visa despoletar a motivação para a leitura de outros textos e, conseqüentemente, para a produção de outros similares.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (1979). « Les genres du discours », *Esthétique de la création verbale*, Paris : Galimard.
- BRAZ, Ana Cristina Pereira (2017). *L'Ironie dans le discours parlementaire portugais: Degrés d'implicitation, indices linguistiques et stratégies discursives*. Paris: Université Paris 8, Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem.
- CABRAL, Mónica Serpa (2010). "Entre o conto e a crónica: estudo de narrativas e autores açorianos" *In Forma Breve*, n.º 8, pp. 91-108, disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/2313/2173> [acedido no dia 20 de outubro de 2019].
- COELHO, Irene da Silva (2009). *Hibridismo do gênero Crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II*, Tese de Doutorado, São Paulo, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05022010-110307/pt-br.php>
- FERNANDEZ, MANUEL, & VIVERO GARCÍA, María Dolorès (2006). L'humour dans la chronique de la presse quotidienne. *Questions de communication*, (10), 81-101.
- FONSECA, Fernanda Irene (1994). *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.
- GRICE, Herbert Paul (1975). "Logic and conversation", In P. Cole and J. Morgan (orgs), *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, pp. 41-58.
- JURACH, Jussara Maria (2011). A intertextualidade como recurso argumentativo e de estilo nas crônicas jornalístico-literários de Arnaldo Jabor no Estado de São Paulo. *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN*. Curitiba.
- LETRIA, Joaquim (1999). *Pequeno Breviário Jornalístico*. Lisboa: editorial Notícias.
- MOISÉS, Massaud (1982). *A criação literária*, v. 2. 10. ed. São Paulo, Cultrix.
- PERRIN, Laurent (1996). *L'ironie mise en trope. Du sens des énoncés hyperboliques et ironiques*. Paris: Éditions Kimé.
- PINTO, Fabiana dos Anjos (2013). *Do humor da crônica à crônica de humor*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado de Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Letras.
- REIS, Carlos, & LOPES, Ana Cristina Macário (1994). *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, (4ª edição, revista e aumentada).
- SPERBER, Dan, & WILSON, Deirdre (1978). Les ironies comme mentions. *Poétique. Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires Paris*, (36), 399-412.
- VICENTE, Fernanda (2010). Aproveitamento didático das crônicas de João de Aguiar, forma breve A crônica, Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 73-89.

Documentos Orientadores

- CONSELHO DA EUROPA (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação. Lisboa: Edições Asa.
- NORTH, Brian; GOODIER, Tim, & PICCARDO, Enrica (2018). *Common European Framework of Reference for Languages: LEarning, Teaching, Assessment - Companion Volume with New Descriptors*. Strasbourg: Council of Europe. Disponível em <https://rm.coe.int/cefr-companion-volume-with-new-descriptors-2018/1680787989>, [consultado a 18 de novembro de 2019].
- CAMÕES, Instituto da Cooperação e da Língua I.P. (2017) *Referencial Camões PLE*. Lisboa: Direção de Serviços de Língua e Cultura.

Anexo

“Quem fala assim não é gago nem gaga”

O ideal era termos um idioma em que as palavras não tivessem género, como a língua persa, falada no Irão, Tadjiquistão e Afeganistão. Um facto que talvez explique os notáveis progressos em matéria de igualdade de género que esses países registam.

Caros e caras leitores e leitoras,

Como todos aqueles e todas aquelas que têm estado empenhados e empenhadas no uso de linguagem inclusiva bem sabem, há reaccionários e reaccionárias que persistem em falar e escrever com evidente desrespeito pelo nosso esforço. Esses e essas, é importante dizê-lo, não manifestam, com tal comportamento, uma mera discordância linguística: são verdadeiros inimigos e verdadeiras inimigas da igualdade de género. Aqueles e aquelas que são suficientemente teimosos e teimosas para não se conformarem ao novo modelo bem podem alegar que isso não faz deles e delas obstinados adversários e obstinadas adversárias de uma sociedade mais igual. Não é verdade. Podem dizer que também sonham com uma sociedade mais igual mas menos ridícula. Não nos convencem. Bem sei que alguns e algumas linguistas têm chamado a atenção para o facto de haver uma diferença entre género gramatical e sexo biológico, mas estão errados e erradas. Quando afirmam que a gramática não é responsável pelo machismo não estão a ser apenas ingénus e ingénuas: estão a agir como criminosos e criminosas. O nosso projecto, ao contrário do que dizem os mal intencionados e as mal intencionadas, não é coisa de fanáticos e fanáticas. É uma tentativa de endireitar o mundo, sintagma nominal a sintagma nominal, sintagma verbal a sintagma verbal.

O ideal era termos um idioma em que as palavras não tivessem género, como a língua persa, falada no Irão, Tadjiquistão e Afeganistão. Um facto que talvez explique os notáveis progressos em matéria de igualdade de género que esses países registam. Por cá, teremos de ficar satisfeitos e satisfeitas com esta língua enjeitada, que tem problemas difíceis de resolver. Por exemplo, como tornar inclusiva a frase “O João e a Maria foram juntos ao cinema”? A palavra “juntos”, no masculino, oprime obviamente a Maria. Mas a frase “O João e a Maria foram junto e junta ao cinema” parece ser agramatical. Só vejo uma solução: que o João e a Maria não vão ao cinema. Pelo menos até que estejamos habilitados e habilitadas a encontrar uma forma de eles poderem assistir a filmes em liberdade e segurança.

Os ingleses e as inglesas obtiveram há pouco tempo uma conquista importante: o metro deixou de saudar os passageiros e as passageiras dizendo “Good morning, ladies and gentleman”, ou seja, “Bom dia senhoras e senhores”, e passou a dizer “Good morning everyone”, isto é, “Bom dia a todos”,

para não excluir as pessoas que não se identificam como homem nem como mulher. O problema é que, em português, a frase “Bom dia a todos” (que era, se bem estamos lembrados e lembradas, a forma primitiva de “Bom dia a todos e todas”) exclui os mesmos indivíduos. Para superar essa dificuldade, a filósofa brasileira Marcia Tiburi acaba de editar o livro “Feminismo em comum para todas, todes e todos”. Percebendo bem que a formulação “todos e todas” não era completamente inclusiva, Tiburi acrescentou a forma “todes”.

Só dizendo “todes” conseguimos incluir toda a gente (por enquanto). O que significa que os algarvios e as algarvias sempre foram inclusivos e inclusivas, mesmo sem o saberem. Um abraço para esse povo. Quem fala assim não é gago. Nem gaga.

(Crónica publicada na *VISÃO* 1302, de 15 de fevereiro de 2018)